

Diálogos epistolares sobre a docência em tempos de pandemia

Epistolar dialogues on teaching in times of pandemic

Diálogos epistolarios sobre la enseñanza en tiempos de pandemia

Destaques

- Analisa os impactos da pandemia e das medidas de isolamento social no exercício da docência.
- As narrativas analisadas são cartas trocadas entre três professoras dos anos iniciais.
- Buscamos posicionar a epistolaridade como um recurso metodológico potente para pesquisas que visam acionar *sentipensamentos*.

Sabrina Stein¹

<https://orcid.org/0000-0001-6467-1573>

Ana Tereza Reis da Silva²

<https://orcid.org/0000-0001-8204-0732>

Meritxell Simon-Martin³

<https://orcid.org/0000-0002-9486-3020>

¹ Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal – Brasil. E-mail: sabrinastein03@gmail.com.

² Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal – Brasil. E-mail: anaterzareis@unb.br.

³ Universidade de Lleida, Lleida – Espanha. E-mail: hmeritxell.simon@udl.cat.

Resumo

Neste artigo, analisamos os impactos da pandemia de Covid-19 e das medidas de isolamento social no exercício da docência a partir da troca de cartas entre três professoras de escolas públicas do Espírito Santo. As narrativas epistolares que fundamentam empiricamente as análises constituem dados parciais de uma pesquisa em andamento que adota a sociopoética como método e a epistolaridade como instrumento de coleta de dados. Por meio das cartas, buscamos acionar as memórias-fragmentos acerca dos impactos da pandemia na vida pessoal e profissional das professoras. Além disso, analisamos a epistolaridade como uma ferramenta potente de reflexividade sobre a prática docente, que, quando colocada em movimento, fomenta um relevante processo de auto(hetero)formação. As narrativas analisadas apontam para a sobrecarga de trabalho, a sobreposição dos tempos/espacos da profissão e da vida pessoal, os desafios impostos pela virtualidade e pelas tecnologias, a solidão docente, assim como indicam os aprendizados e a transformação das práticas educativas, da educação e do ensino.

Palavras-chave: Pandemia. Ensino. Epistolaridade. Docência. Formação docente.



Abstract

In this article, we analyze the impacts of the Covid-19 pandemic and social isolation measures on teaching, based on the exchange of letters between three public school teachers in Espírito Santo. The epistolary narratives that empirically support the analyses constitute partial data from an ongoing research that adopts sociopoetics as a method and epistolarity as a data collection instrument. Through the letters, we seek to trigger memories-fragments about the impacts of the pandemic on the personal and professional lives of the teachers. In addition, we analyze epistolarity as a powerful tool for reflexivity on teaching practice, which, when put into motion, fosters a relevant process of self-(hetero)formation. The narratives analyzed point to work overload, the overlapping of professional and personal time/spaces, the challenges imposed by virtuality and technologies, and teacher loneliness, but they also indicate learning and the transformation of educational practices, education, and teaching.

Keywords: *Pandemic. Teaching. Epistolarity. Teaching. Teacher training.*

Resumen

En este artículo analizamos los impactos de la pandemia de Covid-19 y las medidas de aislamiento social en la enseñanza, a partir del intercambio de cartas entre tres profesores de escuelas públicas de Espírito Santo. Las narrativas epistolares que sustentan empíricamente los análisis constituyen datos parciales de un proyecto de investigación en curso que adopta la sociopoética como método y la escritura epistolar como instrumento de recolección de datos. A través de las cartas, buscamos desencadenar memorias fragmentadas sobre los impactos de la pandemia en la vida personal y profesional de los docentes. Además, analizamos la escritura epistolar como una poderosa herramienta de reflexión sobre la práctica docente, que, al ponerse en marcha, fomenta un relevante proceso de auto(hetero)formación. Las narrativas analizadas apuntan a la sobrecarga de trabajo, la superposición de tiempos/espacios profesionales y personales, los desafíos que imponen la virtualidad y las tecnologías y la soledad docente, pero también indican el aprendizaje y la transformación de las prácticas educativas, la educación y la enseñanza.

Palabras clave: *Pandemia. Enseñanza. Epistolaridad. Enseñanza. Formación de profesores.*

1 Introdução

A pandemia de SARS-CoV-2 impôs transformações profundas e repentinas, como o isolamento social e um estado de medo e incertezas que afetaram e afetam ainda hoje diversas dimensões da vida, incidindo em nossas relações pessoais, comunitárias e profissionais.

O cenário de caos e suspensão da vida que se instalou durante a pandemia também afetou abruptamente as dinâmicas e rotinas no campo da educação. As escolas foram fechadas, o trabalho escolar foi deslocado para as casas das/os docentes, o *home office* e o ensino remoto substituíram a presencialidade, e as tecnologias (computador, internet, *smartphone*, plataformas *on-line*) deram lugar às ferramentas tradicionais da docência. O lugar da intimidade, da vida privada e do descanso passou a ser também o lugar do trabalho e das sociabilidades em um processo inédito de virtualização absoluta do trabalho, da vida e do viver.

Especialmente para as mulheres, essa realidade impôs o aumento expressivo da jornada de trabalho. Em uma sociedade fortemente marcada por mecanismos de opressão de gênero, cujas estruturas patriarcais/coloniais ainda naturalizam as tarefas domésticas como atribuições do mundo feminino, as mulheres passaram a acumular e desempenhar diversas funções no mesmo espaço/tempo: o lar (Lima; Soares; Santana, 2022). As tarefas de maternagem, cuidado e produção da vida cotidiana (limpar, cozinhar, lavar) passaram a se misturar e disputar espaço com as tarefas da profissão (preparar aula, ministrar aula, atender pais e estudantes, realizar reuniões pedagógicas etc.).

A adoção do ensino remoto, visando assegurar o acesso à educação para milhares de crianças e jovens, exigiu que as equipes docentes reinventassem suas práticas pedagógicas. Para a maioria das/dos professoras/es, isso significava aprender a usar e manejar, em tempo recorde e durante o processo, as tecnologias de ensino a distância, adaptando seus métodos da presencialidade para o ensino virtual.

As/os estudantes e suas famílias também tiveram que adequar a vida a essa nova realidade, em um contexto em que grande parte da população brasileira não dispunha de condições materiais mínimas para o acompanhamento do ensino remoto. A falta de acesso à internet banda larga e a equipamentos eletrônicos como *notebooks*, *tablets*, *smartphones*, sobretudo entre os grupos populacionais mais carentes, escancarou e aprofundou a desigualdade social e econômica que marca historicamente a sociedade brasileira (Oliveira; Costa; Gomes, 2023).

Tendo como pano de fundo o contexto pandêmico acima mencionado, este artigo analisa os impactos da pandemia de Covid-19 e das medidas de isolamento social para o exercício da docência. A partir de uma perspectiva crítica de gênero, focalizamos as reflexividades de professoras sobre as abruptas mudanças experienciadas em suas vidas, no campo pessoal e profissional: o isolamento social, os desafios do ensino remoto e a reinvenção da docência, as exaustivas e múltiplas jornadas de trabalho, bem como as estratégias que mobilizaram para enfrentar esse contexto adverso, a insegurança, o medo e a solidão.

As narrativas que fundamentam empiricamente as análises fazem parte da base de dados de uma pesquisa em andamento. São cartas trocadas entre três professoras dos anos iniciais de escolas públicas do estado do Espírito Santo, incluindo uma das autoras deste artigo.

Além desta introdução e das considerações finais, o estudo aqui presente conta com três seções. Na primeira delas, buscamos posicionar a epistolaridade como um recurso metodológico potente para pesquisas que visam acionar *sentipensamentos*¹ e atravessamentos experimentados em situações-limites, perpassados por dores, angústias e medos, como foi a pandemia de Covid-19. Na segunda seção, apresentamos uma revisão de literatura sobre o tema, colocando em diálogo um conjunto de trabalhos recentes que buscaram analisar o contexto pandêmico e suas implicações na educação e no trabalho docente. Na terceira, reportamos os diálogos epistolares das três professoras, buscando identificar e analisar, do ponto de vista delas, as transformações e os desafios que o contexto pandêmico impôs ao *quefazer* docente, bem como os desdobramentos dessa realidade em suas vidas pessoais e profissionais.

2 A epistolaridade como abordagem metodológica

A escrita de cartas remonta a tempos antigos e constitui um gênero textual em que encontramos informações sobre a vida de pessoas que desejam se comunicar, compartilhando experiências e emoções em uma escrita sincera e autêntica, que se expressa simultaneamente encorajada e condicionada pela ontologia da epistolaridade, especialmente pela presença intrínseca da/o destinatária/o. Trata-se, portanto, de uma ferramenta que articula a interação íntima, a escrita de si e a reflexividade (Simon-Martin, 2013; Altman, 1982).

Segundo Haroche-Bouzinac (2016), enquanto um gesto humano antigo, a carta se constitui como uma conversa com um ausente, já que é uma comunicação entre pessoas que estão geograficamente distantes e que relatam fatos que fazem parte de um contexto histórico vivido. O ato de redigir uma carta é, portanto, “[...] suspender o cotidiano para [...] pensar e intencional palavras e pensamentos para outriedade [...]” (Simon-Martin; Reis da Silva,; Jové-Monclús, 2022, p. 539). Trata-se de uma atividade que se dá na liberdade do pensamento e na reflexão, porque, quando *escutamos o outro*, isto é, quando lemos o que nos foi endereçado, colocamos em perspectiva a experiência.

A epistolaridade tem ganhado relevância no campo acadêmico, especialmente em estudos que buscam acionar *sentipensamentos* que atravessam a intimidade e seus

¹ Segundo Autor (2022, p. 36), *sentipensar* é um neologismo formulado pelo filósofo Saturnino de La Torre. O termo designa a reunião de elementos constitutivos da experiência do conhecimento (pensamento/sentimento e coração/mente) que foram separados pela racionalidade moderna.

desdobramentos nas subjetividades. Em pesquisas e metodologias qualitativas, a abordagem epistolar surge como um recurso potente que abre espaço para que os sujeitos expressem suas vivências de maneira livre e íntima, promovendo uma conexão entre pesquisadora/o e participante, o que nem sempre pode ser alcançado por meio de métodos convencionais. Como prática intimista, flagrantemente contrastante com os limites formais da escrita científica, as cartas conformam uma maneira única de criar diálogos, o que permite acessar e incorporar, na produção do conhecimento, aspectos subjetivos, afetivos e sensoriais (Simon-Martin, 2013; Novia, 2016; Pensoneau Conway, Cummnis, 2016).

Camini (2022) afirma que a perspectiva metodológica epistolar permite que a/o pesquisadora/o se aproxime das emoções e vivências das/os participantes, criando um espaço de escuta sensível em que se valorizam o afeto e o tempo de maturação das respostas. Desse modo, uma das vantagens da epistolaridade como método é a de estimular a autorreflexão da/o pesquisadora/o e das/os interlocutoras/es que participam da pesquisa. Isso incentiva a coprodução de conhecimentos não só entre as/os participantes, mas entre as/os participantes e a/o pesquisadora/o em uma triangulação que, pela intimidade da carta, facilita a horizontalidade. De modo correlato, hooks (2017) nos propõe refletir sobre a escrita como um processo libertador, pois considera que os textos intimistas, como as cartas, oferecem a possibilidade de "curar feridas" e revisitar memórias.

Oliveira e Satriano (2018) também destacam a epistolaridade como narrativa autobiográfica por meio da qual se pode registrar fatos e acontecimentos que fazem parte da vida íntima, assim como reelaborar questões internas, examinar atitudes, colocar em perspectiva a vida e a experiência, e até mesmo refletir sobre o próprio ato de escrever. Assim, as cartas podem ser, ao mesmo tempo, diálogo e escritos de si (autobiografias), ou seja, uma conversa íntima consigo mesmo e com outrem.

Dito isso, entendemos que as narrativas autobiográficas, coletadas por meio de cartas e outras formas de escrita de si, constituem uma oportunidade valiosa para acionar memórias-fragmentos que marcam a história de vida pessoal e profissional, pois, “[...] ao narrar sua própria história, a pessoa procura dar sentido às experiências e, nesse percurso, constrói outra representação de si: reinventa-se” (Passeggi; Gaspar, 2013, p. 87), experimentando, assim, processos de reflexividade.

Freire (2004), um entusiasta da epistolaridade como método, sempre destacou a importância de criar metodologias que considerem a subjetividade dos sujeitos. Não por acaso, o autor tinha uma predileção pela escrita de cartas, pois elas permitem comunicar com emoção, isto é, possibilitam compartilhar uma perspectiva íntima do tempo vivido.

Como método, a escrita de cartas rompe com o imediatismo da comunicação contemporânea e possibilita uma reflexão profunda sobre qualquer tema que se deseja tratar (Heleno, 2023). Ao inserir as cartas como parte do processo de coleta de dados, as/os pesquisadoras/es podem acessar não apenas as narrativas factuais dos sujeitos, mas também suas experiências afetivas, promovendo uma análise mais complexa e sensível.

Diante de eventos traumáticos, de impacto emocional e psicológico, como a pandemia, a escrita de cartas se mostrou uma ferramenta valiosa para acionar e acessar dimensões subjetivas, proporcionando um ambiente seguro e um espaço de confiança para a expressão do que foi vivido, sentido e pensado em situações-limite (Oliveira; Costa; Gomes, 2023). Isso, aliás, ficará evidente na revisão de literatura que compõe a segunda seção deste artigo. De modo geral, os trabalhos demonstram que a escrita de cartas foi uma oportunidade para escarafunchar *sentipensamentos* ainda não externados, compreendidos e explorados, que atravessam as múltiplas formas de enfrentar-vivenciar esse evento radical e as mudanças significativas ensejadas no campo pessoal e profissional.

No caso dos profissionais da educação, a escrita de cartas permitiu transcender as informações objetivas sobre as experiências docentes, mobilizando também a subjetividade, as emoções, os atravessamentos sensíveis, o entrelaçamento de vidas, emoções e histórias (Muraro; Gomes, 2023).

O contato com textos epistolares de quem atravessou a pandemia também como profissional da educação permite o acesso às singularidades de uma experiência que é vivida coletivamente, mas, também, sentida na individualidade. Isso possibilita à/ao leitora/o – especialmente à leitora e ao leitor docentes –, o exercício da empatia, a oportunidade de refletir sobre a própria experiência e de se reconhecer na experiência de suas alteridades e companheiras/os de ofício (Camini, 2022).

Nesse sentido, Heleno (2023, p. 2) afirma que a escrita de uma carta traz a “[...] potencialidade na abertura e na imprevisibilidade da troca”, possibilitando que aquelas/es que

participam desse ato possam se expressar de forma livre, o que garante um espaço de acolhimento que muitas vezes não aconteceu/acontece nos ambientes de trabalho docente.

Como temos constatado na pesquisa do presente artigo, a epistolaridade não apenas facilita o acesso aos sentimentos das/os participantes, mas também promove o envolvimento crítico e emocional da pesquisadora e do pesquisador, que, ao receberem as cartas, se deparam com os desafios de interpretar narrativas marcadas por afetações. A epistolaridade promove uma comunicação mais humanizada e afetiva, resgatando o poder da subjetividade na produção de conhecimento. Como propõem Do Amaral e Dorneles (2022, p. 872): “A escrita de cartas narrativas é um convite à conversa-escrita. Entendemos que uma conversa-escrita se dá por meio de movimentos entre as palavras faladas e as palavras escritas, sendo assim um convite a narrar o vivido pela linguagem escrita”.

A esse respeito, Grosfoguel (2012) reforça a importância de a/o pesquisadora/o assumir uma postura crítica e sensível, considerando que os atravessamentos emocionais e contextuais são parte indissociável das relações de poder e conhecimento. Além disso, a escrita de cartas coloca a/o pesquisadora/o em uma posição de vulnerabilidade e abertura, convidando-a/o a um processo de escuta e reflexão crítica que transcende as fronteiras tradicionais do método científico (Heleno, 2023). Acima de tudo, cartas são espaços de liberdade de pensamento, de troca, de escuta e de diálogo, que oferecem um ambiente acolhedor e de confiança para que as partilhas íntimas (confidências) aconteçam (Simon-Martin; Reis da Silva; Jové-Monclús, 2022).

No caso de pesquisas sobre a prática docente em contexto pandêmico, a escrita e a troca de cartas como método também se constituem como espaço de reflexividade da própria experiência e da experiência dos outros. Logo, as cartas podem ser uma oportunidade de tomada de consciência de si, dos traumas, dos aprendizados e das transformações vividas que nem sempre podem ser interpeladas e reflexionadas no ritmo (cotidiano) da vida e do trabalho. Com efeito, a epistolaridade pode ser, ao mesmo tempo, uma experiência de escrita de si e de auto(hetero)formação em docência.

3 Pandemia e educação: uma revisão de literatura sobre o tema

Sabemos que, diante de um vírus invisível e mortal, a pandemia impôs diversas mudanças para a sociedade em geral, a exemplo das drásticas adaptações nas nossas rotinas decorrentes das medidas de isolamento e distanciamento social. Nesta seção, buscamos situar o contexto geral dessas mudanças no campo da educação, examinando um conjunto de artigos científicos que resultaram de pesquisas realizadas sobre o contexto pandêmico e suas implicações ao trabalho docente. A revisão aqui desenvolvida nos ajuda a compreender, para além das narrativas que serão analisadas, o cenário mais amplo dos efeitos da pandemia no campo da Educação.

Para o desenvolvimento desta revisão de literatura, foi realizada uma pesquisa bibliográfica combinada de artigos a partir do recorte temporal 2020-2024, que corresponde ao início da pandemia, anos subsequentes e atualidade. Para o levantamento, utilizamos a Plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e o Portal de periódicos da Capes, utilizando os seguintes descritores: *pandemia and trabalho docente and educação*. Foi identificado um total de cinquenta e dois artigos científicos, dos quais seis foram selecionados a partir da leitura flutuante dos títulos e dos resumos.

Os critérios utilizados para selecionar esses seis artigos são de natureza qualitativa e buscam circunscrever, entre os trabalhos mapeados, aqueles que apresentam maior convergência com o tema abordado na presente pesquisa. Assim, foram escolhidos estudos que: 1) analisaram o contexto pandêmico; 2) examinaram os efeitos da pandemia no campo da educação; 3) deram ênfase para as experiências e narrativas de professoras; 4) se valeram de metodologias que valorizam narrativas autobiográficas e escritos de si. Assim, no texto que se segue, apresentamos um compilado analítico dos estudos, indicando o tema abordado, a metodologia adotada, os achados e o apanhado geral das análises desenvolvidas pelas autoras e autores.

No artigo intitulado *Narrativas de professoras sobre a pandemia e a educação: um olhar hermenêutico-fenomenológico das experiências docentes*, Silva e Sitja (2020) analisam os efeitos da pandemia na docência, mobilizando, para tanto, a narrativa de duas professoras da Educação Básica do estado da Bahia. Apoiando-se na noção de narrativa como “[...] um dispositivo metodológico apropriado para compreender o momento pandêmico que o mundo e os professores vivenciam” (Silva; Sitja, 2020, p. 1651), as autoras desenvolvem uma análise

hermenêutico-fenomenológica, com inspiração biográfica, para demonstrar de que modo a pandemia reverberou nas práticas docentes. Assim, focalizam as situações-limites como o medo, a incerteza e a súbita necessidade de aprender a fazer uso das tecnologias para a manutenção e a continuidade da educação em um contexto de transformações extremas.

Entre os aspectos abordados, as autoras enfatizam as mudanças nas rotinas de trabalho introduzidas pela adoção do ensino remoto, o que demandou das/dos docentes o súbito domínio e o manejo das tecnologias e plataformas. Para as autoras, embora o uso das tecnologias tenha efetivamente assegurado ensino e aprendizagem para crianças e jovens em um contexto de isolamento social, o debate em torno do acesso à educação e formas de assegurá-lo não incluiu toda a sociedade e, em especial, as/os profissionais da educação (Silva; Sitja, 2020). A esse respeito, elas reforçam que

[...] existe ainda uma imensa frustração de professores que trabalham em alguma rede pública e que até o momento não conseguiram alcançar virtualmente todos os seus alunos, já que diversas redes municipais e estaduais não concretizaram planos de ação para amparar seus estudantes (Silva; Sitja, 2020, p. 1653).

A ausência de condições adequadas de trabalho, assim como a não democratização do ensino remoto com qualidade para todas as crianças e jovens, gerou frustração, angústia e adoecimento entre as/os profissionais da educação. Isto porque, se por um lado a internet assegurou o acesso à educação, por outro, a ausência desse recurso para famílias de baixa renda foi um vetor de exclusão que escancarou e aprofundou as desigualdades sociais.

Nayara Stefanie Mandarinio Silva, em seu estudo *Narrativas de professoras durante a pandemia: a modernidade/colonialidade no sentir* (2022), voltou sua atenção para narrativas escritas e públicas de docentes que evocam *sentipensamentos* desencadeados no contexto pandêmico. Para tanto, a autora mapeou e analisou, em chave decolonial, textos publicados na rede social Instagram entre os anos 2020-2022. A autora realizou uma análise das narrativas tendo como foco as emoções que foram registradas, explorando como nossos sentimentos são facilmente negligenciados na produção dos saberes devido às estruturas moderno-coloniais de saber-poder às quais estamos submetidas/os. Em contraposição, a autora destaca a importância de estudos que focalizam as emoções e o que elas revelam, bem como a importância da criação de espaços de diálogo e compartilhamento dos sentimentos em situações limites como o contexto pandêmico.

Silva (2022) destaca que, com o fechamento das escolas, muitas professoras encontraram nas redes sociais um espaço de convivência com outras mulheres que também estavam experimentando os mesmos sentimentos: medo, insegurança, raiva, ansiedade e angústia. A esse respeito, a autora lembra que as “[...] emoções não são uma propriedade que o indivíduo ou o coletivo possuem, algo a ser passado” (Silva, 2022, p. 4), pelo contrário, são experiências únicas que podem vir acompanhadas de tensão, dependendo de como acontecem. Os resultados indicaram a influência dessas estruturas na experiência emocional das professoras e a importância da afetividade e da colaboração para lidar com as adversidades. Em vista disso, o estudo propõe uma reflexão sobre a necessidade de incluir as emoções na construção do conhecimento, desafiando a separação moderno/colonial entre mente e corpo.

Por fim, a autora conclui que as emoções, incluindo aquelas que causam desconforto (dor, angústia, ansiedade, medo), são importantes para a construção do conhecimento e que reconhecer a relação das emoções com as estruturas de poder da modernidade/colonialidade pode ajudar a transformar a escola em um espaço mais sensível e humano.

No artigo *Narrativas em Contextos: Tempo, Pandemia e Ser Mulher na Docência*, as autoras Oliveira, Costa e Gomes (2023), três professoras universitárias, decidiram examinar, por meio de narrativas autobiográficas, as suas experiências durante a pandemia de Covid-19. Por meio do uso das narrativas e análise de *software*, o estudo explorou como a pandemia e o contexto político moldaram as vidas profissionais e pessoais das docentes, revelando a intersecção entre tempo, docência e feminilidade em um contexto pandêmico. Ao analisar os registros escritos que elas produziram sobre seus atravessamentos durante a pandemia, as autoras constatarem que o ato de pensar sobre o que nos incomoda ajuda a ressignificar a experiência. Do mesmo modo, quando escrevemos para registrar a experiência, podemos liberar sentimentos reprimidos. Refletir e pensar sobre experiências traumáticas pode ser um processo libertador e pedagógico de autoconhecimento.

Dialogando entre si e com as próprias narrativas, em um processo analítico metareflexivo, as autoras explicitam como suas vidas foram transformadas ao tentarem conciliar trabalho, vida familiar e a necessidade de aprender a lidar com os sentimentos vivenciados/gerados na pandemia. Por isso, elas reconhecem que na “[...] escrita narrativa, as histórias sobre docência em tempos de pandemia, mais do que vivência, configura-se experiência” (Oliveira; Costa; Gomes, 2023, p. 6). Dito de outro modo, evocar a vivência em palavras e registrá-la em texto não é somente uma forma de marcar o (tempo) vivido, mas um

modo de ressignificar a vida a partir da experiência. No artigo, as autoras ajudam a compreender que a pandemia intensificou os desafios enfrentados por mulheres professoras, revelando as complexas relações entre o pessoal e o profissional. Por meio das narrativas, é possível tomar contato com a resiliência, a sensibilidade e o compromisso das docentes com a educação em tempos de crise, revelando a importância e a dimensão humana da docência.

A autora Shirley Macêdo (2020), em seu artigo intitulado *Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia Covid-19: tecendo sentidos*, traz um relato pessoal, baseado em sua experiência como mulher, mãe e professora universitária durante a pandemia no ano de 2020. Ao discorrer sobre trabalho, gênero, mulher, maternidade e docência a partir de sua história de vida, a autora compartilha as formas de enfrentamento da pandemia que ela mobilizou, destacando a importância de organizar o tempo e efetuar uma comunicação assertiva com membros de sua família para não se sobrecarregar. Ela observou que, por meio da comunicação, podia compartilhar aquilo que a incomodava, promovendo uma sensação de alívio diante do estresse (Macêdo, 2020).

A autora argumenta que a pandemia impactou negativamente a qualidade de vida das mulheres trabalhadoras e mães, pois, além de terem que lidar com as demandas do trabalho remoto, também se viram sobrecarregadas com as tarefas domésticas e o cuidado das/os filhas/os. Neste relato, ela evidencia como a rotina dentro de casa a obrigava a acordar cedo para dar conta de todas as demandas do dia. “[...] Mãe é expediente 24 horas. As obrigações que internalizei como mãe, esposa e dona de casa me convidam: café da manhã, cuidados da casa, almoço, louça, roupa, jantar, cama, mesa e banho” (Macêdo, 2020, p. 189).

Ao relatar que escrever sobre o que estava sentindo foi um processo libertador, a autora destaca que aprendeu a dar prioridade para aquilo que realmente interessava, a observar as situações vivenciadas com acuidade, assim como a pedir ajuda para encontrar soluções para as situações desafiadoras que surgiam. Trata-se de uma importante reflexão sobre os desafios enfrentados pelas mulheres trabalhadoras e mães durante a pandemia de Covid-19, o que destaca a necessidade de se repensar a divisão sexual do trabalho, a valorização do trabalho doméstico e a formulação de políticas públicas que promovam a saúde mental e o bem-estar das mulheres.

No estudo *“Minha mãe e Eu”: mulheres, professoras e trocas educacionais em tempos de distanciamento social*, as autoras Santana e Santana (2020) refletem sobre como a pandemia

trouxe muitas dúvidas e incertezas para as suas vidas e como encontraram na escrita uma fonte terapêutica. A partir de suas narrativas autobiográficas, elas analisam a importância da mulher na sociedade e problematizam as condições de trabalho das professoras na pandemia.

Ao afirmarem que “[...] a mulher trabalhadora vivencia uma maior fragilidade [...] por assumir maior responsabilidade nos afazeres domésticos, na educação e cuidado com os filhos [...]” (Santana; Santana, 2020, p. 280), as autoras reforçam que é preciso um olhar diferenciado para a questão de gênero, pois ainda vivemos em uma sociedade patriarcal e desigual. Além disso, destacam como a pandemia evidenciou o quanto o trabalho feminino é invisibilizado e desvalorizado, o que aponta para a importância de estudos que ampliem e vocalizem esse tema na sociedade.

Ademais, as autoras demonstraram que a pandemia aprofundou as desigualdades de gênero na educação e expôs a precariedade do trabalho docente, destacando a necessidade de promoção de políticas públicas que promovam a equidade de gênero, valorizem o trabalho das professoras e garantam condições dignas de trabalho para todas as mulheres.

No artigo intitulado *Narrativas Docentes na Pandemia em 2020: Desafios, Aprendizagens e Subjetividades*, Juliane de Sousa Silva Muraro e Alberto Albuquerque Gomes (2023) também analisam os atravessamentos da prática docente durante a pandemia entre professoras/es da rede pública estadual de São Paulo. O estudo utilizou cartas escritas pelas/os docentes para mapear os desafios, as aprendizagens e as subjetividades vivenciadas por esses profissionais durante o período de ensino remoto. Os autores relatam que a escolha pela escrita epistolar se deu por reconhecerem a carta como um “estilo narrativo em que [...] o protagonista relata sua experiência como se contasse uma história” (Muraro; Gomes, 2023, p. 9), dando a oportunidade para que o registro das memórias vivenciadas no período pandêmico pudesse ser realizado.

Esse artigo nos ajuda a compreender a importância do uso das narrativas autobiográficas e, em especial, da epistolaridade, bem como reafirma a sua potencialidade como ferramenta metodológica que favorece a expressividade e o registro dos *sentipensamentos*. O estudo demonstra como o acionamento da memória da vida cotidiana por meio da escrita de cartas cria um espaço seguro para a manifestação e expressão de sentimentos, pensamentos e emoções que muitas vezes estão reprimidos (Silva, 2022).

Ao analisar as cartas, os autores observaram que a pandemia impôs desafios sem precedentes às/aos professoras/es da educação básica, que precisaram se reinventar para garantir a continuidade do processo de ensino e aprendizagem. Contudo, apesar das dificuldades enfrentadas, tais profissionais demonstraram resiliência, empatia e criatividade, reafirmando a importância do papel da escola como espaço de trocas e de difusão do conhecimento.

De modo geral, como indicado anteriormente, os estudos examinados apresentam vários pontos de convergência: 1) valorizam, em suas análises, a subjetividade como dimensão fundamental para a compreensão dos efeitos da pandemia na educação e, mais especificamente, para a compreensão de como a docência foi vivida e reinventada em um contexto de extremos, em que a vida esteve sempre no limiar da morte; 2) de forma correlata, os estudos também têm em comum a mobilização de narrativas autobiográficas (escritos de si e epistolaridade) para o acionamento da memória e, por meio dela, das experiências que ajudam a identificar os desafios, as dificuldades, os sentimentos, as transformações e as reinvenções vivenciadas por docentes no esforço empreendido para manter o trabalho docente ativo enquanto tentavam se manter vivas/os, assim como as/aos suas/seus; 3) outro ponto comum entre os estudos que merece ser destacado é o foco nas experiências de professoras, o que não só valoriza a perspectiva das mulheres como também dá destaque às dimensões de gênero, quase sempre invisibilizadas, mas que perpassam centralmente os esforços das mulheres pela manutenção da vida, do cuidado e da educação em tempos pandêmicos. Em síntese, os estudos reconhecem o valor das experiências pessoais como fonte valiosa para a análise das complexidades que perpassaram o trabalho docente durante a pandemia e seus impactos duradouros no campo da educação. Ademais, a ênfase nas narrativas de mulheres professoras deixa evidente que elas foram as mais afetadas, seja por conta do aumento da sobrecarga de trabalho, pelos esforços empreendidos por elas para conciliar as demandas profissionais com as tarefas domésticas e o cuidado com a família, bem como pelos impactos desse processo na saúde mental.

Por fim, é importante também destacar que, em que pese as semelhanças, os artigos também comportam suas especificidades temáticas e de abordagem, que abarcam: a constituição da humanidade da docência feminina (Oliveira, Costa; Gomes, 2023; e Muraro; Gomes, 2023), as emoções e o sentir das professoras a partir de uma perspectiva decolonial (Silva, 2022), as experiências docentes em perspectiva hermenêutico-fenomenológica (Silva; Sitja, 2020) e as condições de trabalho docente no contexto da pandemia (Macêdo, 2020; e Santana; Santana, 2020). Seja como for, todos os estudos denunciam que a pandemia

aprofundou as desigualdades de gênero na educação e expôs suas múltiplas dimensões que, ao fim e ao cabo, sempre exigem das mulheres professoras um sacrifício a mais. Isso aponta para a necessidade de se repensar as condições de trabalho na educação, considerando o recorte de gênero e a importância de políticas públicas que promovam a equidade na docência.

4 “Querida companheira”: escritos epistolares sobre a docência em tempos de pandemia

Nesta seção, analisaremos os dados parciais de uma pesquisa em andamento que tem por objetivo identificar e analisar, a partir de memórias-fragmentos, os aprendizados e as transformações vivenciadas por professoras da educação básica no exercício da docência em tempos de pandemia. A metodologia da pesquisa está ancorada na sociopoética de Jacques Gauthier (2012), que a designa como um processo de construção do conhecimento que se dá de forma coletiva, na qual um grupo de pessoas compartilha criticamente seus saberes de modo autogerido, estabelecendo uma relação de confiança que valoriza as experiências dos sujeitos e fomenta um processo criativo auto(hetero)formativo. Diante disso, a sociopoética cumpre um papel crucial na pesquisa, pois favorece a partilha por meio da vivência em coletividade, visando a constituição de uma comunidade de afeto e de aprendizagem.

Um ponto que Gauthier (2012) utiliza para favorecer essa construção coletiva do saber é a instituição do *grupo pesquisador*, no qual cada participante da pesquisa se encontra ativo em todas as etapas da produção do conhecimento, nas leituras críticas, na socialização dos saberes e na produção dos dados. Ou seja, todas/os estão envolvidas/os em todas as etapas do estudo, e isso garante que outras dimensões da experiência e diferentes formas de saber, que envolvem também aspectos emocionais, sejam acionadas e consideradas no processo de produção do conhecimento.

Para a coleta de dados, foram mobilizadas duas estratégias: rodas de conversa e troca de cartas. A epistolaridade, em particular, que visa ao registro escrito das memórias-fragmentos, favoreceu a construção de um espaço de confiança e intimidade para a partilha de *sentipensamentos* nem sempre expressos na oralidade (conversação). O recorte aqui analisado abarca a troca de cartas entre 3 professoras, uma das quais é autora deste artigo, realizada no período de 1º de fevereiro a 14 de março de 2022, e que corresponde ao processo de validação da metodologia empregada na pesquisa. Buscava-se experimentar a epistolaridade como

metodologia, de modo a sondar sua potencialidade a fim de favorecer o rememorar das experiências vividas. Isto é, nosso propósito era testar a escrita e troca de cartas como um recurso narrativo que ajuda a “[...] organizar ideias e pensamentos, o que possibilita (e potencializa) reflexões e aprendizagens sobre a prática docente” (Muraro; Gomes, 2023, p. 20).

As duas professoras envolvidas nesta etapa de validação da metodologia são docentes da educação básica. Uma delas é graduada em Pedagogia e professora do ensino fundamental, anos iniciais, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Atílio Pizzol, que está localizada no município de Venda Nova do Imigrante, no Espírito Santo. Essa escola atende a quase 500 estudantes do Ensino Fundamental dos anos iniciais e finais, que são, em sua maioria, provenientes de famílias de baixa renda que vivem com até um salário-mínimo e residem em casas alugadas ou cedidas (Castro, 2019).

A outra docente é graduada em História, professora dos anos finais do ensino fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Aracê, localizada no município de Domingos Martins, também no Espírito Santo. A escola atende aproximadamente 250 (duzentos e cinquenta) estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, anos iniciais e finais, sendo, em sua maioria, filhos de produtores rurais que têm como fonte de renda as atividades agrícolas (Stein, 2019).

Os critérios para a seleção dessas professoras foram: 1) a proximidade pessoal e profissional delas com uma das autoras, pois atuam nas mesmas escolas; 2) o fato de terem estabelecido diálogos entre 2020-2022, relatando e trocando impressões sobre a pandemia, as dificuldades enfrentadas e as estratégias mobilizadas para manter o trabalho docente e a vida diante desse contexto de enormes desafios. Assim, as docentes foram convidadas e aceitaram experimentar a escrita de cartas como forma de registro das experiências que vivenciaram, no campo pessoal e profissional, durante a pandemia. Os textos epistolares foram escritos e intercambiados por e-mail, entre os meses de fevereiro e março de 2023. Para preservar a identidade das participantes, vamos mencioná-las ao longo desta seção como professora A (que identifica uma das autoras do artigo), professora D1 (que identifica a docente graduada em Pedagogia) e professora D2 (que identifica a docente graduada em História).

As narrativas que serão apresentadas e analisadas a seguir não constituem apenas registros do cotidiano escolar em contexto pandêmico; elas também informam os modos pelos quais essas professoras vivenciaram a pandemia, momento de inflexão histórica planetária que

desencadeou repercussões profundas nas suas vidas pessoais e nas suas atuações profissionais. Assim, as narrativas indicam suas angústias, seus medos, desafios, mas também as estratégias de sobrevivência que empreenderam e os modos pelos quais se transformaram diante das mudanças que a pandemia impôs às suas vidas e ao campo da educação.

Para dar início à troca de cartas, uma das autoras escreveu a experiência que ela vivenciou durante a pandemia, apresentando as memórias-fragmentos que a atravessaram, relatando o seu cotidiano e as atividades que desempenhava no ensino remoto. Ao final da carta, ela convidava as companheiras a compartilharem também as suas vivências de forma livre, iniciando, assim, um diálogo entre elas. No conjunto das cartas trocadas, 4 temas se destacaram nas narrativas das professoras: o inesperado; o trabalho docente na pandemia; a falta de acolhimento; o crescimento profissional.

O tema do inesperado aparece como uma espécie de assunto disparador dos diálogos epistolares e como o fio condutor das memórias em um esforço de reconstituição dos primeiros momentos da pandemia. Assim, as narrativas evocam uma profusão de *sentipensamentos* como a tomada de consciência de que algo grave acontecia no mundo, e, junto com essa consciência, uma desorientação que se manifestava como dúvida, incerteza, angústia e medo:

A: [...] no final de 2019, pela disseminação do vírus SARS-CoV-2, fomos afetados pela pandemia da Covid-19 mudando a vida das pessoas, provocando distanciamento social, medo, incertezas e assolando vidas com partidas sem despedidas. De forma inesperada, tivemos que abandonar nossas rotinas e nos mantermos em distanciamento social para nossa segurança. Confesso que achei que tudo ia passar logo, mas o tempo mostrou que não foi bem assim [...]

D1: [...] Foi estranho ficar em casa, mas eu pensei que voltaríamos logo, talvez depois de uma ou duas semanas, porém quando esse tempo começou a se estender, a angústia cresceu com ele. As coisas foram tomando proporções cada vez maiores e percebi que tudo havia se transformado. Mudaram os meus planos para o ano, minha relação com meus colegas, meus alunos, minha família e até sair de casa se tornou algo para uma necessidade extrema.

D2: [...] lembro como hoje, foi no dia dezessete de março de dois mil e vinte o último dia que eu estive com meus alunos presencialmente. Confesso que no início eu achei que eu ia voltar logo para a escola. Eu achei que eu ficar em casa dez dias, quinze dias, vinte dias, mas passou um mês, passou dois, passou três, passou quatro e passou o ano [...] tudo muito novo e acontecia tudo muito rápido.

De fato, o sentido do inesperado vinha da transformação repentina e radical, sem precedentes na história recente, que obrigou todo o planeta a parar por causa de um vírus, mudando as formas de relacionamento na sociedade, causando espanto e estranheza pelo novo e o anúncio de um futuro incerto (Santos, 2021). O inesperado, porém, vinha também da indefinição que essa transformação radical produzia na vida, afinal, como diz uma das professoras, “*Eu achei que eu ficar em casa dez dias, vinte dias, mas passou um mês, passou dois, passou três, passou quadro e passou o ano [...] tudo muito novo e acontecia tudo muito rápido*” (Professora D2, 2023).

No campo da educação, isso não foi diferente. O fechamento das escolas, o isolamento social, as mudanças na rotina de trabalho que incluíram o *home office* causaram situações estressantes para as/os docentes que se viram diante de muitas mudanças e situações que sucediam rapidamente. Não por acaso, com o aumento das atividades laborais, e com a intensidade e velocidade das mudanças, sem que tivessem tempo de assimilá-las e refletir sobre elas, muitas/os professoras/es começaram a manifestar sintomas de adoecimento mental como pânico, ansiedade e angústia (Lima, 2021).

Isso nos leva a outro tema central nas narrativas, a saber, as profundas e repentinas mudanças no exercício da docência que se deram pela introdução do *home office*, das tecnologias e das aulas remotas, que geraram a migração total do trabalho docente para a virtualidade, trazendo consequências para a vida pessoal e profissional das professoras:

A: [...] Quando nós, docentes, tivemos que sair de nossas escolas e realizar um trabalho em *home office*, surgiu em mim um misto de medo, insegurança e incertezas, porque não havia uma resposta clara de como iríamos ensinar a distância, já que, como professora dos anos iniciais, o contato com os estudantes sempre esteve muito presente como característica marcante. [...] No meu trabalho, me deparava com muitas reuniões *online* que consumiam nosso tempo, o celular tocava a todo tempo, porque os estudantes queriam atenção e explicação das atividades, além dos relatórios que eu tinha que fazer para comprovar o meu trabalho. Diante de tudo isso, notei que a cozinha de casa se tornou a minha sala de aula, pois ali realizava os meus planejamentos, gravação das aulas, correção das atividades, participação em reuniões *online* e atendimento virtual aos meus estudantes. [...]

D1: [...] Vieram as aulas remotas, primeiro só com o envio de atividades e a criação dos grupos de WhatsApp das turmas, depois com a produção de videoaulas. Aos poucos a minha cozinha também foi sendo tomada pela sala de aula. Minha mesa lotou de papeis e livros e as manhãs eram ocupadas por intermináveis reuniões *online*. [...] O trabalho da escola era interminável! Acordava e já começava a preparar atividades e enviar para a pedagoga, depois tinha que transformar tudo em PDF e enviar no

grupo, sempre no mesmo horário, enviar também um áudio ou vídeo explicando como era para ser feito [...]

D2: [...] eu tinha a sensação que eu não processava o que eu fazia porque eu não dava conta de receber e de dar as devolutivas nas demandas que eu precisava. Eu sei que eu trabalhei muito, não tinha mais dia, noite, nem horário, o meu celular enchia de mensagens à noite, de madrugada, finais de semana... e nos primeiros meses eu não medi esforços para responder os meus alunos [...]

Esses relatos demonstram que a configuração habitual da sala de aula e as relações escolares, como a conhecíamos até então, foram abruptamente transformadas sem que as professoras tivessem tempo para processar, assimilar e se adaptar à nova realidade. Era preciso agir prontamente, ainda que não estivessem preparadas para o exercício da docência sem a presencialidade das/os estudantes. Suas casas tampouco estavam aparelhadas para essa nova realidade, obrigando-as a mobilizar seus próprios recursos eletrônicos, enquanto se empenhavam para aprender a manejar, em tempo recorde, os aplicativos e plataformas digitais por meio dos quais eram realizados as reuniões, o planejamento e a implementação dos processos de ensino e aprendizagem (Oliveira; Costa; Gomes, 2023).

Por conta do *home office*, seus lares – ambientes dedicados ao descanso, aos encontros familiares, à produção cotidiana da vida, ao preparo da comida e à comensalidade – tornaram-se seus ambientes de trabalho. Salas, cozinhas, quartos, quintais, varandas e pátios tornaram-se suas salas de aulas, de reuniões e de planejamento docente. Afinal, “[...] a cozinha de casa se tornou a minha sala de aula [...]” (Professora A, 2023) e a “Minha mesa lotou de papeis e livros e as manhãs eram ocupadas por intermináveis reuniões online” (Professora D1, 2023).

De fato, conforme corroboram os estudos analisados na seção anterior, a pandemia aumentou de forma inédita as jornadas de trabalho, operando uma mudança profunda das rotinas e exigindo uma grande capacidade de adaptação e flexibilidade das/os docentes. Era preciso dispor de muita energia, disponibilidade e dinamicidade para dar conta das muitas reuniões, atendimentos virtuais as/aos estudantes e a suas famílias, preparo das atividades e organização nos grupos de WhatsApp (Dias, 2022). Ademais, esperava-se que as/os próprias/os professoras/es assegurassem a adaptação técnica e a tecnologia necessária para o cumprimento de suas funções. Em síntese, a pandemia transformou radicalmente, e ao mesmo tempo, a espacialidade, a temporalidade, o volume e a natureza do trabalho docente.

Quase que instantaneamente saímos do campo da aula presencial, fundada nas inter-relações diretas entre professor-aluno-conhecimento e os demais segmentos que configuram o universo escolar, para aulas não presenciais, mediadas, na maioria, por dispositivos e interfaces digitais (Ferraz; Ferreira; Ferraz, 2021, p. 7).

Como a virtualidade não tem nem tempo nem espaços definidos, o *home office* ocupou todos os tempos/espaços da vida. A angústia das/os estudantes, pais e responsáveis potencializava ainda mais a sensação de trabalho incessante e ininterrupto. Assim, se de um lado o “[...] *celular tocava a todo tempo, porque os estudantes queriam atenção e explicação das atividades*” (Professora A, 2023), de outro, as professoras já não processavam o que faziam porque não davam conta de receber e de dar as devolutivas das demandas que recebiam: “*Eu sei que eu trabalhei muito, não tinha mais dia, noite, nem horário, o meu celular enchia de mensagens à noite, de madrugada, finais de semana [...]*” (Professora D2, 2023).

Outro tema fortemente presente nas narrativas foi o acolhimento. Corroborando achados dos estudos que analisamos na seção anterior, as professoras também mencionam, em suas narrativas, a exaustão, o esgotamento físico, a tristeza e o sentimento de abandono. Apesar de as docentes construírem estratégias e redes de acompanhamento e cuidado para responder às angústias e dúvidas das/dos estudantes e suas famílias, elas mesmas, embora constantemente sobrecarregadas e demandadas, não dispunham de uma política de acolhimento, escuta e atenção à própria saúde física e mental:

A: Diante de tantas tarefas, profissionais e domésticas, posso te dizer que me sentia triste, incompreendida, muitas vezes até perdida, esgotada... porque eram muitas as demandas que tínhamos, eu não tinha tempo para mim, para descansar, tudo se resumia a reuniões, correção de atividades, aulas *online*... um esgotamento!

D1: [...] tive que ouvir da mãe de um aluno, que professora não reclamou da pandemia porque ficou à toa em casa e o salário caiu do mesmo jeito. Isso me doeu muito, fiquei triste e desmotivada. Estava esgotada, sem tempo para mim, com uma angústia enorme no peito e só me sentindo cobrada e responsabilizada por qualquer dificuldade dos alunos ou pais em entender as tarefas. Parece-me que isso ainda está se arrastando, porque no retorno às aulas presenciais fomos orientadas a acolher os nossos alunos, mas até hoje sinto que ninguém nos acolheu. Ainda me dói [...]

D2: [...] E por muitas vezes ouvi que a gente estava recebendo sem fazer nada. Quando na verdade a gente estava em estado de exaustão, de esgotamento [...]

No estudo que desenvolveram, Oliveira, Pereira Junior e Clementino (2021) demonstraram que o trabalho docente durante a pandemia foi tão intenso que não sobrava tempo para o descanso, já que, a todo momento, havia uma demanda diferente a ser suprida. Do mesmo modo, conforme constatamos nas narrativas epistolares das professoras, essa rotina exaustiva desencadeou sentimentos de desamparo e incompreensão, evidenciados pelo fato de que o acolhimento por parte das secretarias de educação e equipes gestoras não aconteceu (Oliveira; Pereira Junior; Clementino, 2021). A esse respeito, Macêdo (2020) afirma que o sentimento de abatimento, tristeza e incompreensão gerado na pandemia foi um fator preponderante para o aumento do adoecimento docente (estresse, desânimo e frustração) no pós-pandemia e na retomada da presencialidade.

O sentimento de desamparo, incompreensão e abandono de fato pode causar dor, deixar marcas e traumas profundos: “[...] no retorno às aulas presenciais fomos orientadas a acolher os nossos alunos, mas até hoje sinto que ninguém nos acolheu. Ainda me dói [...]” (Professora D1, 2023). Essa narrativa demonstra que, no retorno à presencialidade, não houve sensibilidade e nenhum esforço para assegurar o acolhimento das/os educadoras/es, isto é, daquelas/es que seriam as/os principais catalisadoras/es das dores e traumas das/dos estudantes e suas famílias (Dias, 2022).

Não obstante a isso, as diversas situações desafiadoras relatadas pelas professoras informam, igualmente, aprendizados e importantes transformações no campo profissional. Assim, surpreendentemente, nas narrativas epistolares analisadas, constatamos que, do trauma (cansaço, abatimento, estresse, medo, incerteza etc.), emergiram oportunidades de crescimento profissional, de reinvenção de si mesmo e da docência:

D2: [...] Só que eu reconheço que foi um período que eu cresci muito profissionalmente. Principalmente no sentido de uso de tecnologias. Eu tive que buscar e aprender sozinha. Ninguém me ensinou nada. Hoje eu não tenho mais as dificuldades que eu tinha para trabalhar de forma remota. Foi um período que eu aprendi a adaptar as minhas atividades para que o meu aluno compreendesse sozinho e pudesse executá-la em casa com o que ele tivesse. Então eu aprendi a detalhar, a colocar exemplos nas minhas atividades, a ser extremamente assertiva no que eu queria, ser pontual e direcionada de maneira breve e concisa, a elaborar atividades para que o meu aluno se tornasse o sujeito da situação. [...] Como professora eu aprendi a usar a tecnologia a meu favor e a usar ela com os meus estudantes. Lógico que alguns não tinham condições e eu sempre buscava colocar uma observação nas atividades, trazendo várias possibilidades para que o aluno conseguisse executar as atividades para todos chegarem ao mesmo objetivo, que é a aprendizagem.

Os desafios impostos pela pandemia fizeram com que essa docente repensasse e resignificasse a própria prática, reconhecendo seus limites e criando abertura para aprender novas competências e habilidades que pudessem potencializar e qualificar o exercício da docência. Longe de romantizar esse período traumático, de perdas e luto, queremos enfatizar que esse momento desafiador fortaleceu o compromisso de muitas/os profissionais da educação com o ofício docente, demonstrando que foi preciso muito planejamento e responsabilidade profissional para assegurar o acesso ao ensino em um contexto de fim de mundo (Macêdo, 2020).

Essa narrativa nos mostra o quanto a pandemia foi um tempo de resignificação do trabalho docente. Oliveira, Pereira Junior e Clementino (2021) evidenciaram como muitos docentes foram em busca de formação para conseguir dominar as ferramentas tecnológicas e, devido à persistência, conseguiram aprender, e podem, agora, com segurança, utilizar o que aprenderam em sua prática docente.

Por outro lado, a docência não se resume à aplicação e ao desenvolvimento de “[...] técnicas pedagógicas, mas é uma construção que convoca o professor a uma diversidade e multiplicidade de saberes existenciais, teóricos, filosóficos, metodológicos, relacionais e experienciais” (Silva; Sitja, 2020, p. 1654). Logo, entendemos que as narrativas aqui analisadas demonstram que os desafios, por mais traumáticos que tenham sido, também contribuíram para potencializar e fortalecer várias dimensões da expertise docente.

Apesar das dificuldades e das adaptações forçadas pela pandemia, o ensino remoto impulsionou a busca por novas metodologias, possibilitando o desenvolvimento de atividades pedagógicas mais assertivas e criativas. Essa resignificação do trabalho docente demonstra como, mesmo diante de desafios, é possível transformar as adversidades em aprendizado, fortalecendo a prática educacional e promovendo uma construção coletiva de saberes.

Por fim, é importante enfatizar que a troca de cartas – que neste artigo cumpre uma dupla função, como método e como base de dados – evidencia que a produção do conhecimento não acontece no individualismo, mas, ao contrário, é sempre um processo coletivo, que exige colaboração, respeito e acolhimento mútuos (Camini, 2022). Narrar a vida por meio de uma carta é trabalhar com temas sensíveis, pois ali escrevemos intimidades da nossa alma, memórias que nos atravessam/atravessaram. Não se constitui, portanto, como uma escrita solitária, mas é endereçada a alguém, uma professora, companheira de profissão, que também vivenciou todos

os traumas e dores da pandemia de Covid-19 enquanto buscava exercitar o ofício docente (Muraro, Gomes, 2023).

5 Considerações finais

As narrativas epistolares apresentadas ao longo deste artigo não apenas evidenciam a resiliência das docentes, mas também desvelam as condições estruturais e subjetivas que atravessaram a prática educativa em tempos de crise sanitária global. Os impactos da pandemia de Covid-19 no exercício da docência revelaram os desafios enfrentados por professoras em um contexto marcado por incertezas, sobrecarga de trabalho e a necessidade urgente de reinvenção.

A adoção da epistolaridade como metodologia de pesquisa demonstrou-se especialmente potente ao proporcionar um espaço de reflexão íntima e compartilhada. Por meio da escrita de si e do diálogo epistolar, foi possível acessar dimensões subjetivas que frequentemente escapam às análises centradas em métodos mais tradicionais (Heleno, 2023). As cartas funcionaram como ferramenta de ativação e ressignificação da memória, permitindo que as professoras narrassem suas experiências de forma autorreflexiva, conectando-se com suas emoções e práticas pedagógicas em um exercício de auto(hetero)formação.

As narrativas epistolares analisadas revelam que o ensino remoto ampliou e intensificou o trabalho docente, borrando as fronteiras entre os tempos e os espaços da vida pessoal e profissional. As docentes relataram jornadas de trabalho extenuantes, pressionadas pela necessidade de aprendizado acelerado do uso de tecnologias e pelo esforço contínuo para atender às expectativas institucionais e às necessidades de seus estudantes. Além disso, o contexto pandêmico expôs de maneira inequívoca as desigualdades sociais e de gênero, que se manifestaram na sobreposição das funções docentes, domésticas e de cuidado, tradicionalmente atribuídas às mulheres.

Entretanto, apesar das adversidades, as narrativas também evidenciaram aprendizados significativos. A pandemia atuou como catalisadora para a incorporação de novas práticas pedagógicas e para o fortalecimento de competências digitais (Oliveira; Pereira Junior; Clementino, 2021). As professoras relataram um crescimento profissional e pessoal, destacando a capacidade de adaptação e a criatividade como elementos centrais para a continuidade da educação em um cenário de extrema complexidade.

Diante disso, este estudo reforça a necessidade de políticas públicas que considerem a centralidade da docência para a construção de uma educação equitativa e de qualidade. É de fundamental importância reconhecer e valorizar o trabalho docente, oferecendo condições adequadas para o seu exercício, especialmente em contextos adversos como o da pandemia. Além disso, faz-se necessário implementar ações que promovam o acolhimento emocional das professoras, respeitando suas subjetividades e experiências de vida, e que combatam as desigualdades de gênero que permeiam a profissão (Dias, 2022).

Por fim, as reflexões apresentadas neste artigo indicam que a docência, em tempos de pandemia, transcendeu os limites do técnico e do pragmático, revelando-se como um espaço de reinvenção e de resistência. As experiências narradas pelas professoras destacam o poder transformador da escrita de si como prática formativa e como ferramenta para se pensar criticamente os desafios e as possibilidades da educação. Assim, espera-se que este estudo contribua para ampliar os debates sobre a complexidade do trabalho docente e inspire novas pesquisas que valorizem a dimensão humana da prática educativa.

Referências

ALTMAN, J. G. **Epistolarity: Approaches to a Form**. Author: 1Columbus, OH: Ohio State University Press, 1982.

CAMINI, I. **Cartas pedagógicas: testemunhos de uma vida**. Passo Fundo: Saluz, 2022.

CASTRO, L. de O. **Formação continuada: tecendo redes e construindo possibilidades com os cotidianos escolares**. 2019. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.

DIAS, L. M. **Trabalho docente durante a pandemia da covid-19: um estudo sobre a vivência do tempo de professores de ensino superior**. 2022. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2022.

DO AMARAL, D. M.; DORNELES, A. Cartas narrativas sobre cotidianos escolares: movimentos de palavras faladas e palavras escritas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [s. l.], v. 7, n. 22, p. 869-884, 2022. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2022.v7.n22.p869-884. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/15106>. Acesso em: 20 jan. 2025.

FERRAZ, R. D; FERREIRA, L. G; FERRAZ, R. de C. S. N. Trabalho docente na pandemia: discursos de professores sobre o ofício. **Fólio - Revista de Letras**, [s. l.], v. 13, n. 1, 2021.

DOI: 10.22481/folio.v13i1.9070. Disponível em:
<https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/9070>. Acesso em: 7 jan. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GAUTHIER, J. **O oco do vento**: metodologia da pesquisa sociopoética e estudos transculturais. Curitiba: CRV, 2012.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Periferia**, [s. l.], v. 1, n. 2, 2012. DOI: 10.12957/periferia.2009.3428. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/3428>. Acesso em: 7 out. 2024.

HAROCHE-BOUZINAC, G. **Escritas epistolares**. São Paulo, EDUSP, 2016.

HELENO, A.R. A carta: breve análise acerca da escrita epistolar. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 15, n. 34, p. 114-126, jan./abr. 2023.

HOOKS, b. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

LIMA, E. de A. P. **Qualidade de vida e medo da Covid-19 em professores do ensino superior**. 2021. 85 f. Dissertação (Mestrado em Modelos de Decisão e Saúde) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2021.

LIMA, J. M. de; SOARES, D. P; SANTANA, J. S. As fronteiras caíram e você lá trabalhando: maternidade e pandemia. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades** - Rev. Pemo, [s. l.], v. 4, p. e49166, 2022. DOI: 10.47149/pemo.v4.e49166. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/9166>. Acesso em: 3 maio 2023.

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia Covid-19: tecendo sentidos. **Rev. NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 187-204, maio/ago. 2020. Acesso em: 25 abr. 2023.

MURARO, J. de S. S.; GOMES, A. A. Narrativas docentes na Pandemia em 2020: desafios, aprendizagens e subjetividades. **Perspectivas em Diálogo**: Revista de Educação e Sociedade, v. 10, n. 22, p. 6-21, 31 jan. 2023. Acesso em: 25 abr. 2023.

NOVIA, F. Promoting letters to increase students' writing skill. **Language and Education Journal**, v. 1, n. 1, p. 32-37, 2016.

OLIVEIRA, D. A.; PEREIRA JUNIOR, E.; CLEMENTINO, A. M. **Trabalho docente em tempos de pandemia** – Relatório Técnico. Belo Horizonte, UFMG, 2021.

OLIVEIRA, L. A. de; COSTA, A. A. F.; GOMES, J. B. Narrativas em contextos: tempo, pandemia e ser mulher na docência. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, v. 8, n. 23, p. e1105, 28 mar. 2023.

OLIVEIRA, V. M. de; SATRIANO, C. R. Narrativa autobiográfica do próprio pesquisador como fonte e ferramenta de pesquisa. **Linhas Críticas**, [s. l.], v. 23, n. 51, p. 369-386, 2018.

DOI: 10.26512/lc.v23i51.8231. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/8231>. Acesso em: 5 jan. 2025.

PASSEGGI, M. da C.; GASPAR, M. M. G. Acompanhamento e dispositivos de mediação biográfica: memorial de formação, grupos reflexivos e diário de acompanhamento. *In*: PASSEGGI, M. da C.; VICENTINI, P. P.; SOUZA, E. C. de (org.). **Pesquisa auto (biográfica)**: narrativas de si e formação. Curitiba: CRV, 2013.

PENSONEAU CONWAY, S. L.; CUMMINS, M. W. Towards epistolary dialogue. **Critical Education**, v. 7, n. 10, p. 2-22, 2016.

REIS DA SILVA A.T. Decolonialidade como postura insurgente perante o mundo. *In*: REIS DA SILVA A.T (org.). **Vozes do pluriverso**: práticas e epistemologias decoloniais e antirracistas em educação. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. p. 28-64.

SANTANA, C. Q.; SANTANA, N. B. Q. Mulher, mãe e professora: desafios e ressignificações na prática docente e na pesquisa em tempos de ensino remoto. **SCIAS - Educação, Comunicação e Tecnologia**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 75–89, 2021. DOI: 10.36704/sciaseducotec.v2i2.5036. Disponível em:
<https://revista.uemg.br/index.php/sciaseducotec/article/view/5036>. Acesso em: 29 abr. 2023.

SANTOS, B. de S. **O futuro começa agora**: da pandemia à utopia. São Paulo: Boitempo, 2021.

SILVA, N. S. M. Narrativas de professoras durante a pandemia: a modernidade/colonialidade no sentir. **Linhas Críticas**, [s. l.], v. 28, p. e45347, 2022. DOI: 10.26512/lc28202245347. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/45347>. Acesso em: 29 abr. 2023.

SILVA, R. M. O. da; SITJA, L. M. Q.. Narrativas de professoras sobre a pandemia e a educação: um olhar hermenêutico-fenomenológico das experiências docentes. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, [s. l.], v. 5, n. 16, p. 1649-1663, 2020. DOI: 10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n16.p1649-1663. Disponível em:
<https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/9302>. Acesso em: 29 abr. 2023.

SIMON-MARTIN, M. Cartas de viagem de Barbara Leigh Smith Bodichon: formação de identidade performativa em narrativas epistolares. **Women's History Review**, v. 22, n. 2, p. 225-238, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09612025.2012.726112>. Acesso em: 29 abr. 2023.

SIMON-MARTIN, M.; REIS DA SILVA, A.T.; JOVÉ-MONCLÚS; G.. Formas de interculturalizar e decolonizar a educação nas universidades ocidentalizadas: intercâmbios epistolares e produção dialógica/colaborativa de conhecimentos. *In*: REIS DA SILVA, A.T (org.). **Vozes do pluriverso**: práticas e epistemologias decoloniais e antirracistas em educação. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

STEIN, S. **Formação de professores do campo em tecnologias digitais por meio do letramento digital, coletividade e emancipação no ensino fundamental**. 2019. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidade) – Programa de Pós-graduação em Ensino de Humanidades, Instituto Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

Enviado em: 15/04/2025

Aprovado em: 31/07/2025